

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE GEOGRAFIA

RENATO GONÇALVES DE FREITAS

REFLEXÕES SOBRE O *BULLYING*: análise de uma instituição pública

Dezembro/2019

RENATO GONÇALVES DE FREITAS

REFLEXÕES SOBRE O *BULLYING*: análise de uma instituição pública

Trabalho de Conclusão apresentado à banca examinadora do Curso de Geografia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciando.

Orientadora: Maria Aparecida Augusto Satto Vilela.

Dezembro/2019

RENATO GONÇALVES DE FREITAS

**REFLEXÕES SOBRE O *BULLYING*: ANÁLISE DE UMA INSTITUIÇÃO
PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em Geografia.

Ituiutaba, 16 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela – ICHPO/UFU
(Orientadora)

Gerusa Gonçalves Moura – ICHPO/UFU
(Banca Examinadora)

Jeane Medeiros Silva – ICHPO/UFU
(Banca Examinadora)

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o intuito de compreender as concepções de estudantes de uma escola pública sobre a ocorrência do *bullying*, identificando se as experiências destes influenciam em suas atitudes frente a esse fenômeno. Procurou-se também, identificar qual o posicionamento que os discentes pesquisados têm sobre a melhor forma de combater o bullying, a função dos educadores e demais responsáveis, assim como verificar potenciais fatores que estimulam sua proliferação, podendo assim adotar medidas preventivas. A fim de subsidiar a pesquisa, realizou-se, inicialmente, um levantamento teórico com foco em autores que definem critérios para a identificação do fenômeno, bem como o desenvolvimento histórico do conceito de *bullying*, pautando-se em autores como Cleo Fante (2005), Assis, Constantino e Avanci (2010), e Oliveira-Manegotto, Pasini e Levandowski (2013). As leituras foram imprescindíveis para a realização da pesquisa, de abordagem qualitativa, fazendo-se uso de questionários semiabertos, respondidos por um total de 58 estudantes provenientes de duas salas do 9º ano do ensino fundamental (30 na primeira e 28 na segunda) de uma escola pública da cidade de Ituiutaba-MG. Posteriormente, organizou-se uma roda de conversa com os estudantes de cada turma para tratar de assuntos que não foram pontuados nos questionários. Como resultados obtidos, verificou-se que o termo *bullying* é bastante conhecido entre a faixa etária pesquisada (14-15 anos), seja por meio da escola ou por experiências pessoais, mas não há uma compreensão objetiva de seu significado. Muitas atitudes, que se enquadram como tal não são reconhecidas pelos discentes pesquisados, uma vez que consideram apenas as mais sérias e extremas.

Palavras-Chave: *Bullying*. Ensino fundamental. Relações de Poder. Geografia.

ABSTRACT

The following essay was conducted with the intent of better understanding the conceptions held by the students of a public school concerning the occurrence of the phenomenon known as bullying, analyzing if said children's personal experiences hold any influence over their behavior facing that phenomenon. Further analysis was intended to identify the stances held by the students about the most effective way to deal with bullying, an educator's (and other parties responsible for childcare) role in the conflict, as well as verifying potential factors stimulating its proliferation, thus allowing for the adoption of preventive measures. To create a basis for the essay, a theoretical research was done, focusing on authors who defined important criteria for identifying the phenomenon, as well as the historical development of the concept, oriented by the Works of authors like Cleo Fante (2005), Assis, Constantino e Avanci (2010), as well as Oliveira-Manegotto, Pasini and Levandowski (2013). This reading was indispensable for the completion of this research, thanks to a qualitative approach, making use of dedicated, semi-open questionnaires, answered by a total of 58 students, divided in two separate classes on 9^o year, middle school (30 on class A and 28 on class B) in a public school in the city of Ituiutaba – MG, Brazil. After that stage, a dialogue session was organized with the students of each class to mention other issues that haven't been stated on the questionnaires. Based on the resulting data, it was noted that bullying, as a term, is well-known among the target demographic (14-15 years old), be it through the school or personal experiences, but there's little in the form of precise understanding about its meaning, several attitudes that fit the definition, but are not recognized as examples of the phenomenon by the students approached, since they tend to only consider more extreme cases as qualifying as bullying.

Keywords: *Bullying*. Elementary School. Power relations. Geography.

TABELA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Fatores considerados mais agravantes.....	21
Gráfico 2- Frequência do ato na turma A.....	24
Gráfico 3- Frequência do ato na turma B.....	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 BULLYING: CONCEITO E PROCESSO HISTÓRICO.....	11
1.1 Caracterizações do <i>bullying</i>	14
2 RELAÇÕES DE PODER E OS PAPÉIS DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO BULLYING.....	16
3 PERCURSO DE PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS.....	19
3.1 Procedimentos metodológicos.....	19
3.2 Diálogo com os estudantes pesquisados.....	20
3.2.1 Perfil dos estudantes.....	20
3.2 O que os questionários revelaram?.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXO.....	30

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Maria Aparecida Satto, por sua paciência inesgotável, sua dedicação, orientação habilidosa e compreensão. Agradeço também por ter sido quem me abriu as portas para este caminho, mostrando-me como podemos ajudar em um tema tão sério.

Agradeço à minha primeira orientadora, Maria Angélica Magrini, por ter me dado a oportunidade de desenvolver esta pesquisa e me incentivar, apesar de todas as adversidades.

À minha mãe, que sempre lutou com todas as forças sozinha para me dar condições de chegar até aqui.

À minha noiva, que sempre entendeu cada dificuldade como ninguém, e por sempre estar ao meu lado para me ajudar a superar essas barreiras.

À minha madrinha, por ter incentivado meus estudos desde minha infância.

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC teve como base uma pesquisa realizada na disciplina de Psicologia da Educação, do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia – *Campus* Pontal, no segundo semestre de 2016. O trabalho realizado possibilitou o contato com o objeto de estudo: o *bullying* e as relações de poder no espaço escolar, bem como suas consequências para a sociedade.

A atividade supracitada consistiu de um levantamento de dados sobre a ocorrência do fenômeno *bullying* em uma escola da cidade de Ituiutaba-MG. Durante a realização da atividade na instituição de ensino, o autor desta pesquisa participou de uma discussão sobre o tema com os demais colegas e a professora, notando o caráter insidioso do fenômeno. Uma vez que a maioria dos participantes da pesquisa (estudantes de escola pública) teve contato com múltiplas experiências que se enquadravam como *bullying*, seja como vítima ou testemunha, em vários momentos de suas vidas, verificou-se que o conhecimento formal sobre o tema era escasso. Dessa experiência nasceu a ideia que foi desenvolvida, visando trazer à tona reflexões e análises sobre o *bullying* na cidade de Ituiutaba-MG.

O trabalho que despertou o interesse sobre o tema não foi a única razão para a elaboração desta pesquisa, uma vez que o curso de Geografia inclui diversas disciplinas voltadas ao ensino propriamente dito. A discussão sobre os obstáculos encontrados na sala de aula foi recorrente, possibilitando notar como o *bullying* é prevalente em nossa sociedade, e como seus efeitos podem ser graves.

Ressalta-se ainda, as contribuições do campo geográfico para as reflexões sobre o tema. Para entender como a geografia pode auxiliar na análise dos problemas estudados, deve-se primeiro entendê-la em si. Popularmente, muitas vezes ela é compreendida como o estudo dos nomes dos lugares. Já no meio acadêmico, esta tem o estigma de ciência síntese que não se aprofunda muito. Tratam-se, entretanto, de concepções errôneas, advindas da falta de conhecimento sobre o objeto de estudo da geografia: o espaço e, por consequência, as relações que nele acontecem. A geografia aborda tantos temas justamente por ser abrangente e esta é a maior vantagem no estudo desta ciência. Por meio dela entende-se a importância do espaço para o ser humano, como atua-se nele e as relações estabelecidas, não apenas com o espaço em si, mas como este molda as relações nele construídas.

De fato, quando se pensa sobre o estudo do espaço – que define a geografia – costuma-se pensar em uma escala mais ampla, como cidades e estados inteiros, dando-se principal atenção a relações socioeconômicas, esquecendo-se que estas podem ter correlação

íntima com temas como o *bullying*, gerando impactos imediatos em um nível muito mais pessoal.

Nessa perspectiva, entende-se a interlocução entre *bullying* e o campo da Geografia, uma vez que as práticas relacionadas a esse fenômeno ocorrem nas interações humanas em determinado espaço que, no caso específico deste trabalho, são as instituições de ensino. Por isso, questiona-se: Quais são os impactos do *bullying* para estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública de Ituiutaba-MG?

Pelo exposto, é importante refletir sobre o que é a escola, procurando analisar o que ela é, além de um espaço destinado à formação dos estudantes. É de conhecimento popular os estereótipos estudantis que verifica-se na televisão: A criança tímida, frequentemente atormentada pelo “valentão”; a garota popular que é símbolo de influência ao se mostrar supostamente melhor que as demais; a formação das “panelinhas”, grupos de alunos com gostos e modos de pensar similares; e a rivalidade entre grupos diferentes, dentre tantas outras questões a serem tratadas. É interessante notar como a representação dos diferentes sujeitos e agrupamentos escolares é pautado por relações de poder, sempre influenciadas pelo ambiente escolar. Estudantes frequentemente reivindicam lugares de sentar, sendo o “fundão”, no imaginário popular, e, em muitas escolas, o território dos alunos que passam as aulas brincando e desafiando os professores, sendo alvo de idolatria para alguns e raiva para outros.

Destaca-se que território é um conceito geográfico caracterizado exatamente pelas relações de poder (RAFFESTIN, 1993), identificando-se assim, a relação do fenômeno *bullying* com esta área do conhecimento. Com os fundamentos estratégicos deste campo do conhecimento pode-se determinar a melhor maneira de investir recursos e tempo no combate deste problema, especialmente considerando que a compreensão das relações desiguais e hierárquicas nas instituições de ensino auxilia a construir uma visão crítica e a lidar com as diferenças. Isso se relaciona não somente à geografia enquanto ciência, mas também à geografia enquanto disciplina escolar, para que se possa assim promover o conhecimento do espaço em sua diversidade, além de verificar as ações do ser humano e suas consequências, a fim de possibilitar uma participação positiva dos estudantes, incentivando a democratização dos direitos políticos e avanços da sociedade.

Mesmo com as possibilidades de análise do campo geográfico, nota-se, contudo, que o *bullying* é um tema frequentemente esquecido no estudo da geografia escolar, com raros trabalhos focando este problema, especialmente comparando-se com outros considerados mais “tradicionais” desta ciência (SOUZA, et.al., 2019; MANGILI, et.al., 2012).

Além das questões acadêmicas e da amplitude do campo de pesquisa da geografia, a escolha do tema também tem justificativa pessoal, tendo em vista que este fenômeno foi um mal que, infelizmente, ressoou e assombrou minhas experiências escolares durante o ensino fundamental e médio. Já existia, portanto, conhecimento empírico prévio sobre o assunto, e com os estudos teóricos reconheceu-se sua importância como objeto de intervenção da saúde pública e do sistema educacional em nível nacional e global.

Por último, vale lembrar que o docente precisa aperfeiçoar-se ao máximo para se tornar bom profissional, sendo imprescindível que um problema tão sério – resultando até mesmo em mortes – receba a devida atenção. Um professor não alcançará os melhores resultados em relação à aprendizagem dos estudantes se ignorar os conflitos no espaço em que leciona.

Com um interesse crescente pelo tema, este discente procurou expandir seus conhecimentos, inicialmente pela leitura de pesquisadores da área. Cleo Fante (2005) foi essencial por seu conhecimento do cenário estudantil brasileiro, dedicada ao estudo da violência escolar e responsável pelo programa Educar Para a Paz, visando combater o *bullying*. Também foi importante a leitura do livro Impactos da violência na escola – um diálogo com professores, organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci (2010). Ele foi uma das bases para o trabalho, uma vez que aborda o *bullying* (bem como outras formas de violência na escola) sob a ótica do professor, visando um modelo de educação baseado no respeito e promoção dos direitos humanos.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como o fenômeno *bullying* afeta estudantes dos últimos anos do ensino fundamental de uma escola pública de Ituiutaba-MG. No que se diz respeito aos objetivos específicos, pretendeu-se verificar a recorrência do fenômeno entre os jovens pesquisados, de acordo com variáveis pessoais como gênero; identificar se o *bullying* é naturalizado pelos discentes, além de perceber o posicionamento destes quanto à forma de minimizar o problema, uma vez que é impossível lidar com os efeitos que este tem sobre as vítimas sem primeiro compreendê-los.

Tendo em vista a necessidade de identificar relatos de estudantes que vivenciaram situações de *bullying*, buscou-se empreender uma pesquisa monográfica de caráter qualitativo e exploratório. Elaborou-se um questionário com cinco perguntas, que foi aplicado aos estudantes para prepará-los para as discussões sobre a temática, assim como estimulá-los a analisar o fenômeno, pois as perguntas atuaram como um “guia”, isto é, levantando pontos para os estudantes refletirem (divididos em duas salas, 30 alunos na primeira e 28 na segunda, totalizando 58 adolescentes). Em seguida, foi realizada uma roda de conversa com cada sala,

buscando verificar alguns de seus posicionamentos, além de lhes dar a oportunidade de contribuir com respostas mais extensivas do que aquelas apresentadas no questionário.

As informações obtidas foram organizadas, sistematizadas e analisadas com base no referencial bibliográfico a fim de encontrar motivações e posicionamentos dos jovens pesquisados sobre o *bullying*, de modo a atingir o objetivo geral e os específicos propostos neste trabalho.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ituiutaba, tratada aqui como Escola X para preservar a integridade e a identidade da instituição, durante o ano de 2018. Ela foi escolhida por reunir um considerável número de discentes dos bairros em seu entorno, atendendo diversas classes sociais, mas, sobretudo, aquelas das classes de menor poder aquisitivo.

Com isso, torna-se possível perceber como o fenômeno do *bullying* toma formas distintas, dependendo dos envolvidos, bem como do espaço onde ocorre, tendo em vista que além das espacialidades está relacionado a disputas de poder, evidenciando também, a questão territorial.

Uma vez estabelecido o contexto do trabalho na Introdução, abordou-se, em seguida, na seção 2, o que se entende por *bullying*, o uso do termo historicamente, suas diversas expressões e o papel que os envolvidos ocupam quanto ao fenômeno. Uma vez feito isto, na seção 3, apresentam-se os procedimentos metodológicos e, posteriormente, os resultados obtidos com o estudo de campo, com base no estudo teórico. Nas considerações finais, destacam-se os pontos mais importantes da pesquisa.

1 *BULLYING*: CONCEITO E PROCESSO HISTÓRICO

É cada vez mais frequente, de uma forma quase corriqueira, pessoas das mais diversas classes questionando situações ocorridas em nossa sociedade. Não apenas os pesquisadores e educadores que ativamente buscam adquirir e produzir o conhecimento científico, mas também os cidadãos de camadas sociais mais simples, incluindo aqueles que são ensinados constantemente a não questionar.

Quem nunca presenciou reclamações e reflexões sobre as mazelas que dominam as notícias de nosso cotidiano? Nesse sentido, problematizar é muito importante para a melhor compreensão sobre a origem do fenômeno *bullying*, bem como a forma que este toma, construindo estratégias para combatê-lo.

As notícias, de fácil acesso, revelam as relações de poder estabelecidas socialmente que, muitas vezes, são impregnadas de violência. Isto leva a muitos questionamentos: Como este processo ocorre? Quais são as motivações da violência, quais são os fatores que formam o canteiro onde esta germina? Afinal, nossa sociedade conta com instituições de ensino destinadas, de modo geral, à formação de cidadãos, preparando-os desde a sua infância. Ainda assim, as atitudes de exclusão e desrespeito ao outro continuam a surgir e as instituições estão sujeitas a serem afetadas por relações que discriminam e rotulam. Destaca-se que estas não são apenas entre os membros de nossa espécie, mas também com o espaço onde ocorrem.

Nesse contexto, o *bullying* emerge, sendo definido por uma relação de desigualdade (BERGER, 2007). É um termo cada vez mais usado, ao ponto de esquecer-se de seu significado. Se as agressões acontecem mesmo nas instituições de formação do indivíduo, é pouco surpreendente que continuem futuramente, disseminando-se e afetando cada vez mais diferentes áreas da vida humana. Portanto, torna-se necessário buscar respostas para os questionamentos supracitados, compreendendo as condições para o surgimento desse fenômeno, os impactos por ele gerados, não apenas para remediar suas consequências, como também para prevenir novas ocorrências o máximo possível.

A discussão sobre *bullying*, comparada com outros estudos sobre diversos tipos de violência, é relativamente recente, apesar de o fenômeno em si ser, essencialmente, tão antigo quanto a sociedade. Foi primeiramente em Olweus que se começou o estudo dos outros aspectos menos óbvios do *bullying* (RISTUM 2010a), onde também eram observadas outras manifestações não-físicas de violência, como o racismo, a homofobia e misoginia. Existiam outras formas de propagar e exercer violência como os rumores e a segregação. Olweus apercebeu-se de três fatores comuns em vítimas de *bullying*: Ambas sabiam que eram

vítimas, nenhuma se sentia capaz de quebrar esse ciclo sozinha e não houve provocação por parte da vítima em nenhum dos casos que levasse a um cenário violento por parte do agressor. Assim como classificou as vítimas, Orweus classificou as relações de bullying num todo como sendo estas assimétricas, ofensivas direta ou indiretamente, cíclicas e obviamente caracterizadas pela dominação de um em detrimento de outro. (RISTUM 2010a)

A noção do que é ou não bullying também se modificou. Muitas práticas violentas que antes eram consideradas “normais” no comportamento dos jovens, hoje são recriminadas pela sua nocividade para com os afetados. Isso provém do conhecimento produzido pelos estudos sociológicos sobre o impacto que essas práticas têm na vida dos jovens, não só durante os abusos como depois na vida adulta.

Recentemente, no Brasil, foi aprovada a lei nº 13.185/16, que alterou a forma com que a sociedade trata o *bullying*. Nessa lei, é definido oficialmente o que é *bullying*, tratando o fenômeno pelo nome de “Intimidação sistemática” e atribuindo a responsabilidade de vigília sob a alçada das instituições que recebem os jovens diariamente, como as escolas e os clubes. Foram ainda incrementadas medidas de combate ao *bullying*, como organização de palestras, distribuição de panfletos e elaboração de reportagens abordando o tema (BRASIL, 2016). Esta lei tem como objetivo reforçar o Artigo 227 da Constituição Federativa do Brasil, o qual explicita que

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988).

Pelo exposto no artigo, identifica-se a necessidade de construir uma sociedade que assegure os direitos a uma vida digna, de modo que as pessoas (crianças, adolescentes e jovens) possam ser respeitadas por suas singularidades, valorizando-se, desse modo, a diversidade humana. E quando isso não ocorre, pode-se identificar, na maioria das vezes, situações de *bullying* que devem ser combatidas.

Ristum (2010b) apresenta três elementos amplamente aceitos para definir o *bullying*, sendo estes a repetição do ato, a agressão proposital, e uma relação desigual caracterizada por dominação (desigualdade de poder), porém nota que pesquisadores específicos podem requerer mais elementos para caracterizarem o ato como *bullying*.

É importante ressaltar que não se trata de um conflito usual que pode ocorrer no dia a dia, uma briga por diferença entre ideais e opiniões, uma retaliação em um desentendimento. A vítima sofre, em geral, sem que tenha decidido importunar o agressor em primeiro lugar, como tratado por Pereira (2008). Isto não quer dizer, entretanto, que não haja uma motivação por trás do ato, uma vez que muitos fatores podem ser considerados estimulantes, como será tratado posteriormente neste estudo.

A hostilidade destas ações também é um fator que, muitas vezes, não é entendido em sua totalidade, pois pensa-se nas atitudes mais crassas e singulares, impossíveis de serem chamadas de algo além de violência. A imagem dos estudantes sendo derrubados ao som de risadas, popularizada pelo cinema americano, tão exaltado em nosso país, vem à mente e é um exemplo de tais ações. Preocupando-se quase que exclusivamente com o mais explícito, facilmente deixa-se passar comportamentos menos evidentes.

É importante ressaltar que,

[...] Antes pouco estudado e considerado próprio da idade e do ambiente escolar, as pesquisas sobre bullying escolar evidenciam sua alta frequência, a grande diversidade de suas formas e as consequências danosas para todos os que nele estão envolvidos: agressores, vítimas e testemunhas. As características de intencionalidade e de crueldade, de humilhação e submissão do outro retratam um claro problema social nas relações interpessoais mediadas pelo poder (RISTUM, 2010a, p.81).

Desta forma, verifica-se uma relação de poder que rege a prática: o agressor ao deter controle sobre a vítima, utiliza-se deste para feri-la. Não apenas isso, o *bullying* pode ser visto pelo agressor como uma forma de perpetuar e gerar poder, afirmando sua superioridade sobre os demais e garantindo que se submetam à sua vontade por medo de uma eventual represália, gerando satisfação e influência para ele.

Ao analisar o *bullying* como ação recorrente, uma característica necessária é a repetição do ato (RISTUM, 2010a). Não é incomum que pessoas, em qualquer fase de suas vidas, perpetrem agressões, sejam estas ofensas, de violência física ou exclusão social. Ainda que infringindo valores morais e sendo nocivo para quem sofre com a agressão, as pessoas cometem erros, descontrolam-se e, às vezes, são provocadas ou se desentendem, e isto é acentuado em crianças e adolescentes, que não conseguem lidar com suas emoções, pois não possuem experiência para isso. Situações extraordinárias – como a que leve alguém ao seu limite pode servir como o estopim para uma palavra ou atitude agressiva.

Contudo, o *bullying* vai além disso. Ele é um comportamento contínuo, não apenas uma atitude agressiva cometida. Sua recorrência pode ser camuflada por uma diversificação no *modus operandi* do agressor, uma vez que o comportamento inicial pode dar lugar a um método novo, que passa despercebido pelos observadores por esperarem o comportamento observado previamente, ou mesmo alternando vítimas.

Por último, mas não menos importante, é necessário lembrar que, apesar de não ser estritamente um critério para a definição, e sim um efeito colateral da natureza dessa prática, o fenômeno não é típico de uma realidade específica, podendo afetar estudantes em qualquer escola, independentemente das especificidades dos indivíduos ou da instituição escolar. Desta forma, é de suma importância que se esteja sempre vigilante, tendo noção de quais comportamentos estão dentro do considerado comum e inofensivo, do que pode ser considerado uma ocasião única, das atitudes violentas continuadas, para que assim seja possível identificar o *bullying*. O maior adversário em identifica-lo é quando ele é relativizado, considerado como uma ocorrência comum ou brincadeira. Por isso, classificando quais são estas ocorrências, pode-se dizer quais não se enquadram nelas.

1.1 Características do *Bullying*

Sendo um fenômeno complexo, neste trabalho foi considerada a caracterização do *bullying* utilizada por Berger (2007). Isto foi feito uma vez que o fenômeno, como outros, envolve demasiadas características, sendo ideal analisar os casos separadamente, com base nos padrões encontrados, determinando as características e o modo usado para se propagar. São estas: Categoria física, verbal, social e eletrônica, sendo esta última mais recente e com danos sobretudo psicológicos; todavia não menos assustadora e ameaçadora que as anteriores.

O *bullying* físico é, de forma geral, o mais explícito, sendo um dos primeiros que se pensa quando as pessoas são questionadas sobre o tema. Ele recebe esta denominação porque a dor e os ferimentos gerados são corporais, oriundos de socos, chutes, empurrões e similares. (SMITH et. al. 2002 apud BERGER, 2007) Porém, incluem quaisquer outras práticas nas quais o dano pode ser verificado fisicamente, como o roubo da propriedade da vítima, geralmente na forma de materiais escolares, alimentos e brinquedos. Neste caso também é chamado de *bullying* comportamental. (BERGER, 2007)

Outra categoria é a verbal. Esta também é muito conhecida, sendo frequentemente vista em cenas de filmes e séries. O *bullying* verbal, apesar de ser menos perceptível e levado menos a sério pelos adultos, é mais frequente que o físico e é caracterizado por frases, afirmações e apelidos nocivos e humilhantes. Estudos feitos num time de futebol britânico por

meio do uso de câmeras e microfones para ouvir e ver atitudes de crianças dos 7 aos 11 anos, identificou com que frequência aconteciam situações de bullying. Esse estudo comprovou que o bullying verbal era duas vezes mais frequente do que o físico nessa faixa etária. (TAPPER; BOULTON, 2005 apud BERGER, 2007).

A categoria social caracteriza-se quando a agressão tem como alicerce as relações sociais que as vítimas têm com seus agressores. Não se trata apenas da comunicação verbal como instrumento de ataque, como na categoria anterior, mas é motivado quando as próprias relações tornam-se nocivas: Exclusão da pessoa de um grupo de amigos, impedindo que ela se aproxime – por exemplo, quando um estudante novo não consegue fazer parte de um grupo em sua sala – ou mesmo quando espalham boatos ou a posição em um grupo é de desvantagem e inferioridade. (BERGER, 2007)

Finalmente, temos o tipo mais novo, surgindo com a revolução da informação em nossa sociedade: o *bullying* eletrônico, popularmente conhecido como *cyberbullying*. Ele se perpetua por meio do mundo virtual e das redes sociais cibernéticas. Este seria impossível sem a tecnologia da comunicação tão difundida nas últimas décadas e tem se tornado cada vez mais comum. (LI, 2006 apud BERGER, 2007)

Observa-se uma justaposição dos tipos de *bullying* supracitados, em especial o verbal e o social, uma vez que esta categoria é definida pelo meio onde ocorre e não pelo modo em si. Ela pode, portanto, parecer um tanto quanto redundante à primeira vista, mas a classificação deve-se, em grande parte, à sua difusão – ínfima quando surgiu, há cerca de três décadas, porém gigantesca agora que a tecnologia da informação rege a forma como a sociedade funciona. Destaca-se que

[...] o Cyberbullying, que se utiliza basicamente de telefones celulares, especialmente os dotados de inúmeras funções, e de computadores ligados à internet. Meninas são filmadas ou fotografadas em cenas sexuais, meninos são provocados para brigar e são fotografados no momento em que estão apanhando, cenas são forjadas com os recursos da informática, tudo com o objetivo de divulgá-las na internet, de forma a expor os colegas a situações humilhantes e vexatórias. (RISTUM, 2010b, p.101).

É praticamente impossível distinguir qual destas formas é a mais violenta e deixa mais cicatrizes na vida dos afetados, uma vez que cada uma traz consequências que podem ser duradouras, em especial na faixa etária no qual o *bullying* é mais comum: a adolescência.

2 RELAÇÕES DE PODER E OS PAPÉIS DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO BULLYING

Em um evento caracterizado por relações de poder, não há como negar que existe diferenciação entre as partes envolvidas. Para compreender o fenômeno, torna-se necessário identificar os papéis ocupados na relação, assim como as funções na proliferação da prática. São quatro os papéis sociais estabelecidos para verificar os envolvidos, de forma similar às categorias do próprio *bullying*: agressores, vítimas, testemunhas e vítimas-agressores, como destacado por Ristum (2010b, p.104).

Em uma situação na qual existem uma ou mais vítimas, subentende-se que há um agressor ou autor. Estes tendem a ser valentes, populares e mandões: abusam de crianças vistas como frágeis, inferiores, explorando pontos nos quais se sobressaem em relação a elas para exercer sua influência. Podem ser rejeitados por outros estudantes, mas, mesmo assim, tendem a ter aqueles que aprovam suas práticas. (RISTUM, 2010b)

A concepção do bullying como um ‘fenômeno relacional’ contribui para entender a importância dos papéis desempenhados pelos estudantes. Lembra-se aqui a sua inter-relação: não há autor sem alvo e nem alvo sem autor, assim como não há testemunhas se não houver protagonistas. Estes também dependem de testemunhas, seja para aplaudir ou reprovar os autores, seja para acentuar o sentimento de humilhação dos alvos, ou para dar apoio ao alvo. Destaca-se ainda, o aspecto dinâmico das relações, que implica a mobilidade dos papéis: um aluno pode ser alvo em um episódio e autor em outro. Testemunhas podem ser futuros alvos ou até mesmo autores. Portanto, não é demais repetir que focalizar esses diferentes papéis de forma isolada pode conduzir a uma falsa compreensão do *bullying*. (RISTUM, 2010b)

Há ainda, o papel que se define em relação ao agressor: a vítima. Crianças ou jovens a quem o poder é exercido. Ristum (2010b) nota que vários autores subdividem esta categoria em vítimas-passivas e vítimas-provocadoras. Estas, em especial as vítimas-passivas, muitas vezes não possuem muita assertividade ou recursos que lhe permitam resistir, o que é explorado pelos atacantes. Podem tentar dialogar e querer expor sua angústia, suplicando para que os ataques parem, porém são frequentemente constrangidas, acarretando em seu silenciamento. Mais ainda, isto pode fazer com que se tornem inseguras, reforçando sua autoimagem como fracas e incapazes. Muitas vezes são escolhidas por sua insegurança. Já as vítimas-provocadoras tendem a reagir com fúria excessiva. (RISTUM, 2010b).

Em outra posição, encontra-se a testemunha. Não é alvo dos ataques, ou mesmo o perpetrador, caracterizando-se por não ter uma participação direta. Ressalta-se que

As ‘testemunhas’ não têm envolvimento direto com bullying, mas acabam por desempenhar um papel importante, seja como testemunhas passivas ou ativas. As passivas calam-se e se omitem diante de cenas de bullying que presenciam, ou por medo de se tornarem vítimas, ou simplesmente porque acham que isso é algo que não lhes diz respeito. As testemunhas podem ser ativas de dois modos: ou aplaudem e apoiam os agressores e se constituem, assim, em importante plateia que fortalece o bullying, ou então procuram ajudar ou dar apoio às vítimas. (RISTUM 2010b, p.103).

Trata-se daquele indivíduo que se encontra por perto, observando o que acontece, mas isso não quer dizer que é alheio à situação. Como as demais categorias, pode sofrer danos com o ato, como, por exemplo, um crescente medo de que se torne a próxima vítima. (FANTE 2005). Ristum (2010b) divide as testemunhas em passivas, aquelas que ignoram o ato; e as testemunhas ativas, que apoiam um dos lados. As testemunhas podem querer ajudar, mas sentem-se de mãos atadas por temer uma retaliação, ou podem até mesmo obter prazer em uma situação que não se sentem capazes de iniciar, de forma similar ao próprio agressor. Em todo o caso, a testemunha pode levar sequelas para toda a vida, como qualquer outro envolvido, tendo suas percepções possivelmente sendo influenciadas pelo que vê.

Há também, o alvo-autor, que se configura como o indivíduo que apresenta características dúbias, pois sofre *bullying* por estudantes com mais poder, porém procura os mais fracos para atacar. (RISTUM, 2010b)

Pelo exposto, verifica-se que o estudo sobre o *bullying* torna-se cada vez mais importante, uma vez que esse fenômeno acarreta vários outros problemas sociais, como os ataques a escolas brasileiras e em outros lugares do mundo. Muitos dos ataques são resultado de anos e anos de sofrimento vivenciados por alunos ao longo do percurso escolar. Neste caso, a vítima-agressora não pensa apenas em obter justiça contra os seus atacantes, mas também procura que os seus pares sintam o mesmo pelo que passou.

Como destacado por Oliveira-Manegotto, Pasini e Levandowski (2013, p.209),

[...] o bullying é um problema grave e de saúde pública, de modo que a sociedade precisa investir em prevenção, baseada em estratégias de identificação da violência escolar e combate a ela. Os professores, nesse cenário, são considerados agentes importantes, no sentido de trabalhar para que as relações no contexto escolar sejam saudáveis e promovam o desenvolvimento.

Fante (2005) destaca alguns fatores que contribuem para a violência: os externos à escola, sendo estes aqueles situados na vida pessoal do estudante; e os internos à escola, os que são vinculados a esta instituição. A autora também destaca que a relação se baseia em

uma imposição de autoridade por parte do agressor/autor, seja por meios físicos ou psicológicos, além de abordar as causas do fenômeno. Isso é muito importante, uma vez que, sabendo o que leva ao surgimento dessa violência, podemos impedi-la. Fante (2005) ainda menciona o posicionamento de outros especialistas, que destacam a carência afetiva, estratégias educativas nocivas (maus tratos) e a falta de imposição de regras e limites, como fatores fundamentais para transformar uma criança em um agressor.

Para a autora, todos estes fatores podem ser resumidos em dois: a necessidade do agressor em exercer sua dominância, seja para se sentir superior ou porque desconhece formas mais maduras de lidar com suas ansiedades; e a falta de métodos educativos de caráter humanista: uma vez que o foco das escolas é o conteúdo, assim não se incentiva um modelo comportamental pacífico, no qual a criança pode viver em harmonia com seus semelhantes (FANTE, 2005). Ao analisar a ocorrência da violência pela criança, sem um modelo para combatê-la, é pouco surpreendente de que a situação se agrave e ela tenha atitudes de abuso de poder. A violência do agressor pode ser reproduzida com base, tanto na violência que sofreu na instituição, quanto na própria família.

A família se constitui como uma das principais contribuintes para o desenvolvimento da criança, pois é formada pelas primeiras pessoas com quem terá contato, as responsáveis por estabelecer regras e modelos de comportamento, que serão comparados a outros. Mais ainda, provavelmente estarão presentes em toda a vida do indivíduo, especialmente durante sua infância por meio de um contato extenso e constante de modo que este internalize alguns valores. Por vezes, as crianças e os jovens sofrem com o abuso de sua família, que também pode ser incentivado por outras pessoas, como a discriminação aos diferentes e o incentivo à competitividade, muito presente na sociedade capitalista que vivemos. Portanto, destaca-se que uma cultura de apologia à violência doméstica como forma de educar, a qual vivencia-se no Brasil, pode ser perigosa para as crianças em formação, uma vez que muitas famílias entendem que uma criança só terá um crescimento moral e uma noção de limites se forem estabelecidos por meio da violência (geralmente física), mesmo em situações sociais nas quais existem testemunhas.¹

Com base nessas considerações, é importante analisar como o *bullying* se materializa no contexto da escola pesquisada.

¹ Em 2014, foi aprovada a Lei n.º 13.010, que “Altera a Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.” (BRASIL, 2014).

3 PERCURSO DE PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS

3.1 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa, tendo em vista sua finalidade, tem caráter qualitativo, uma vez que, de acordo com Martins (2004, p.289), “A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise.”

Sendo assim, julgou-se necessário, em primeiro lugar, uma pesquisa teórica sobre *bullying*, de modo a aprofundar os conhecimentos sobre o tema. O levantamento bibliográfico foi importante para embasar o estudo, de modo a entender os resultados obtidos em pesquisas anteriores sobre o tema, comparando-as com os dados encontrados nesta investigação, observando semelhanças nos dados coletados, bem como diferenças que sugiram, tendo em vista as especificidades pertinentes ao trabalho desenvolvido. Tal levantamento foi feito, em parte, por meio de buscas virtuais em bancos de dados relevantes, como SciELO, o banco de dados Arca da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o repositório institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Nesta parte da pesquisa, o primeiro obstáculo encontrado foi a escassez de estudos sobre o tema sob a ótica geográfica, evidenciando o pouco interesse com as relações de poder no ambiente escolar– relações estas que modificam o espaço onde acontecem (uma vez que não se pode observar apenas o aspecto físico do espaço) e como este afeta as demais pessoas que o frequentam. Em conjunto com os bancos de dados pesquisados, foi realizada uma consulta de livros, sendo estes majoritariamente da biblioteca do Campus Pontal. Uma vez que esta etapa tenha sido realizada, elaborou-se um questionário para a pesquisa de campo, tendo o intuito de entender a realidade dos estudantes participantes, suas experiências relacionadas ao *bullying*, como também suas opiniões sobre como lidar com potenciais impactos desta prática.

Os questionários foram organizados em 5 questões. A primeira sendo aberta e as demais sendo questões de múltipla escolha, com a última adicionando um espaço para uma resposta aberta caso o estudante julgasse necessário. Tais perguntas foram usadas para compreender o que os estudantes entendiam por *bullying*, sua posição quanto ao ato, bem como a frequência em que participou do fenômeno, mesmo que como testemunha. Além disso, responderam qual seria, para eles, a estratégia ideal para lidar com o problema. É

importante ressaltar que, como qualquer estágio de uma pesquisa, este também teve adversidades. A primeira foi identificar os fatores relevantes na ocorrência do *bullying* para a elaboração das perguntas, realizando-as com uma linguagem acessível para a faixa etária dos discentes estudados, bem como a pouca cooperação de alguns destes, apesar de tratar-se de casos isolados, resumindo-se a uma ou outra questão ignorada.

A instituição estudada, denominada neste trabalho como Escola X, está localizada na cidade de Ituiutaba. Conforme Censo Escolar de 2018, por meio de informações extraídas do *site* QEdu (2019), ela tinha 227 estudantes matriculados nos anos finais do ensino fundamental e, destes, 65 estavam no 9.º ano². No ensino médio, a escola tinha 674 discentes.

Para esta pesquisa, 58 estudantes responderam aos questionários e participaram da roda de conversa, que foi idealizada de forma que atingisse os pontos que não foram tratados nos questionários, por meio de detalhes que os estudantes quisessem abordar, utilizando-os como aspectos para iniciar o diálogo com estes. Os discentes foram selecionados por comporem o 9.º ano do ensino fundamental na escola estudada, sendo essa a faixa etária abordada, dado seu estado de transição do fundamental para o médio. Na roda, notou-se que os estudantes se mostraram consideravelmente mais dispersos do que com os questionários, uma vez que uma conversa envolvendo todos resulta em maior possibilidade para interação. Nas duas salas, alguns dos estudantes demonstraram certa relativização do problema em questão, comparando-o a brincadeiras e considerando que podem ser engraçados.

As informações obtidas por meio dos questionários foram organizadas, sistematizadas e analisadas com base no referencial teórico, produzindo-se tabela e gráficos que possibilitaram melhor compreensão sobre o tema, apresentados na próxima seção.

3.2 Diálogo com os estudantes pesquisados

3.2.1 Perfil dos estudantes

As respostas sobre a identificação dos estudantes foram organizadas na Tabela 1 que possibilita verificar a quantidade e a faixa etária dos pesquisados.

² A instituição atende alunos dos anos finais do ensino fundamental (5º ao 9º ano) e todos os anos do ensino médio, com as instalações possuindo laboratório de informática, biblioteca, quadra de esportes coberta, além de recursos tecnológicos à disposição dos professores (impressora, copiadora, retroprojetor, televisão e aparelho de disco óptico digital (DVD)).

Tabela 1: Relação de número de alunos por idade no 9º ano da Escola X.

Idade	13 ANOS	14 ANOS	15 ANOS	16 ANOS	17 ANOS	TOTAL
N.º de alunos	20	23	8	6	1	58

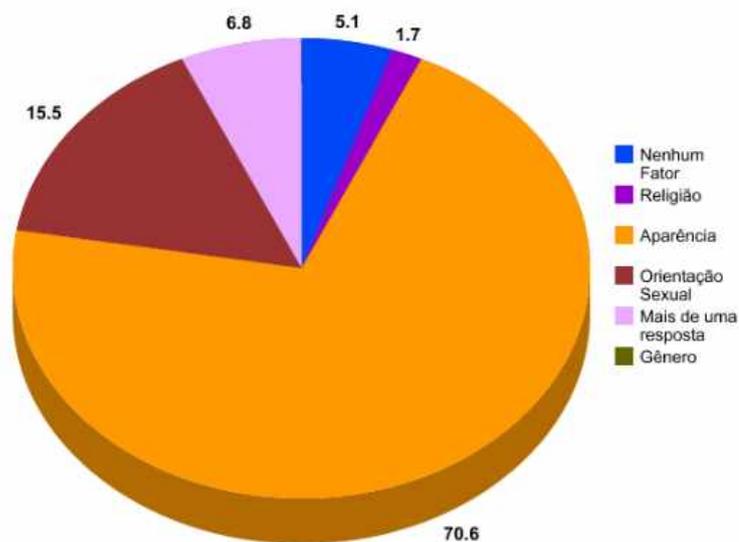
Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Por meio dos dados apresentados na Tabela 1 verificou-se que o maior número de estudantes se concentra entre 13 e 14 anos de idade. As respostas do questionário possibilitaram analisar que 58,6% dos estudantes do 9º eram do gênero feminino enquanto 39,6% eram do gênero masculino. O 9º A possui 20 discentes do gênero feminino e 10 do masculino e o 9º B possui 14 alunas e 13 alunos e 1 aluno/a não quis identificar o gênero.

3.2.2 O que os questionários revelaram?

Após a identificação do perfil, tratou-se de questões específicas sobre *bullying*. A primeira se referia às razões mais significativas para a sua ocorrência (Gráfico 1).

Gráfico 1: Ituiutaba-MG: Fatores considerados mais agravantes pelos discentes do 9º ano, 2018



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Por meio deste gráfico, que apresenta as opiniões dos discentes dos 9ºs ano A e B, é possível identificar o que mais afeta a vida destes. O quesito da aparência – seja por cor da

pele, etnia, peso, dentre outros – é facilmente aquele que tem o maior efeito. Talvez por ser o mais fácil de notar, em comparação aos outros, evidenciando o que é diferente do padrão, do ideal que é imposto socialmente. A mídia reforça constantemente aquilo que considera como padrão de beleza, o que é considerado “normal”, aceitável, impactando os adolescentes de modo significativo.

Deve-se destacar que a orientação sexual é o segundo fator mais presente, uma vez que, mesmo que a aparência seja, teoricamente, uma característica mais explícita, o Brasil é uma nação conservadora, especialmente em cidades menores e mais tradicionais. Compreende-se que

O que foge ao padrão da heteronormatividade é visto como patológico, criminoso ou ainda que necessita de medidas corretivas. Como podemos observar com os dados aqui apresentados estas medidas de “correção” ocorrem com o uso da violência, seja física ou através de atos discriminatórios. Apesar de ser vastamente difundida, a LGBTfobia pode ser mais sentida por jovens e por negros e pardos, o que corrobora diferentes estudos que apontam que essa população é a mais atingida por diversas formas de violência. (SILVA, 2018, p.75).

A violência relacionada à orientação sexual da vítima, bem como sua identidade de gênero, é denominada homofobia, transfobia ou lesbofobia. Isto não descaracteriza, necessariamente, o *bullying*. Trata-se de uma situação que devemos abordar transversalmente, o *bullying* motivado pela aversão a pessoas que têm identidade de gênero ou orientação sexual distinta do que é considerada comum, a heterossexualidade, assim como o binarismo, e que o masculino e o feminino estão vinculados ao sexo biológico.

Os dados desta pesquisa dialogam com o estudo de Assis, Constantino e Avanci (2010), no qual a sexualidade e a identidade de gênero são alguns dos principais fatores para o *bullying*. Os autores chamam atenção ainda, para um ponto muitas vezes esquecido quando se trata da homofobia, ou outra forma de aversão, na adolescência: Esta é uma época de descobertas. O indivíduo está (re)construindo sua identidade, encontrando seu posicionamento quanto a assuntos mais adultos que lhe acompanharão pela vida toda, como a sexualidade. (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010).

Durante a pesquisa um estudante, ao efetuar as questões propostas, questionou quanto à relacionada a gênero. Todos os estudantes deveriam, de acordo com o indicado, escrever o gênero com o qual se identificavam. A pergunta, entretanto, não se limitava à classificação binária, deixando claro que qualquer indivíduo que não se sentisse confortável com os

gêneros comumente utilizados (masculino e feminino) poderia especificar sua identidade³. Este estudante, ao se deparar com a classificação, demonstrou aversão e estranheza ao conceito de gêneros não-binários, associando a identidade social com a identidade biológica identificada no nascimento, chegando ao ponto de dizer que pessoas que assim se identificam precisam de ajuda psicológica. O discente em questão direcionou sua pergunta para o autor desta pesquisa, de forma a esclarecer uma dúvida; portanto, não caracterizaria, necessariamente, um caso de ataque por homofobia. Ainda assim, é importante notar que é este sentimento – o de que o outro não é normal, é errado, estranho – que leva aos atos de *bullying*, nos quais é imprescindível identificar-se a raiz, a motivação por trás do ato, para combatê-lo.

Mesmo esta pergunta aparentemente inocente poderia, de fato, ferir o próximo; um colega que estiver perto pode se sentir rejeitado com a afirmação, especialmente considerando que ele, possivelmente, ouve afirmações similares no cotidiano, como afirma Cecchetto, Ribeiro e Oliveira (2010, p.137):

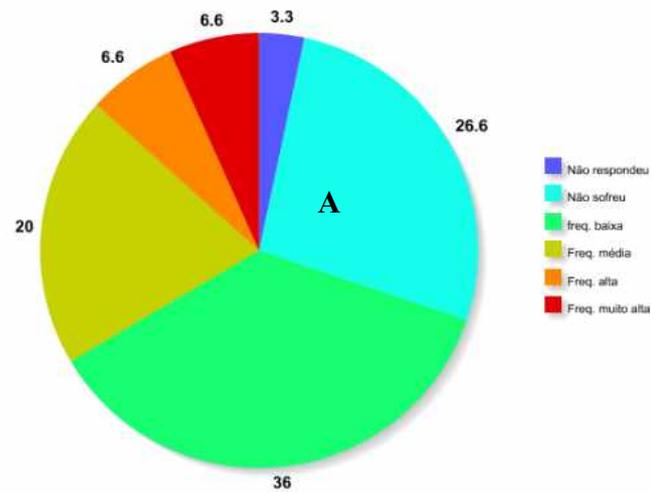
As agressões contra adolescentes homossexuais no espaço escolar costumam ser sutis, como é o caso de sua exclusão de grupos de convivência, de jogos e de outras atividades coletivas. Para muitos, a revelação da orientação homossexual é difícil e não corre no espaço da escola, ficando subentendida. Apelidos como boiola, bicha, viado, sapatão, são formas de violência de gênero.

Assim, chama-se atenção para formas de violência mais “corriqueiras”, isto é, aquelas que muitas vezes não são levadas a sério. O próprio *bullying*, como dito anteriormente, já foi considerado parte natural do ambiente escolar, não sendo difícil, até hoje, encontrar pessoas – adultas ou não – que relativizam a importância de determinadas “brincadeiras”. Ainda assim, são casos de violência, mesmo que psicológicas e não físicas, e podem ser prejudiciais para a vítima da mesma forma, assim como para os demais envolvidos também.

No gráfico a seguir (Gráfico 2), referente à turma A, identifica-se a ocorrência com que os estudantes sofrem com este problema.

³ Estes são chamados “não-binários”, termo que engloba indivíduos de gênero fluido, sem gênero, entre outros.

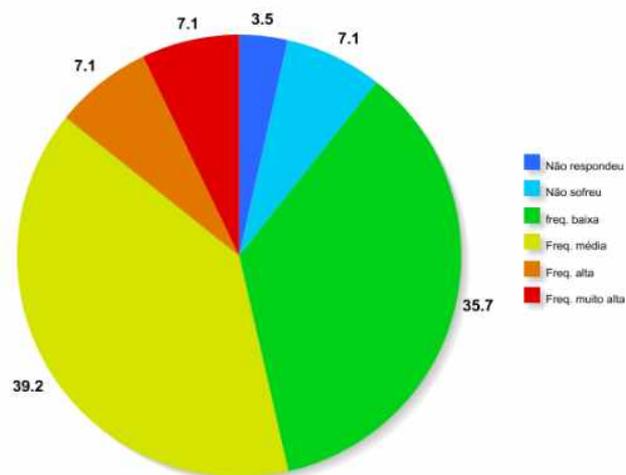
Gráfico 2: Frequência do ato na turma A



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

E, no Gráfico 3, identificam-se os dados referentes à turma B.

Gráfico 3: Frequência do ato na turma B



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

De acordo com as respostas obtidas por meio do questionário, outros dados importantes, expostos nestes gráficos, foram a comprovação das pesquisas teóricas, como por exemplo, que o bullying está mais relacionado ao gênero masculino. Notou-se isso a partir da

leitura e comparação das duas turmas, pois no 9^o A, que possui dois terços dos adolescentes mulheres, a ocorrência de bullying, segundo as respostas, foi de baixa frequência (36%), de média frequência (20%) e 6,6% (muito alta), enquanto que, no 9^o B, que possui 13 alunos do gênero masculino, totaliza quase 50% da sala.

Dividimos a frequência do *bullying* nas categorias “baixa”, “média”, e “alta”, para que os estudantes nos relatassem a recorrência deste. Sua maior incidência é na categoria média (39,2%), baixa (35,7%) e alta (7,1%). Apesar disso, deve-se levar em consideração as diferenças socioculturais entre os gêneros. Meninos são, frequentemente, associados a atividades mais físicas, a um certo grau de normalização da violência, e uma aversão a demonstrar seus sentimentos, aspectos que podem ser observados, por exemplo, no tipo de mídia que visa atingi-los. Sob esta ótica, é possível que não haja uma prevalência entre os meninos, mas sim que o *bullying* é mais evidente entre estes, graças aos fatores supracitados, dentre outros.

Na pesquisa também foram incluídas duas questões abertas para analisar as opiniões dos adolescentes sobre o tema abordado e o que achavam que poderiam fazer para mudar.

Em sua maioria, os estudantes abordados consideram práticas de *bullying* como uma brincadeira. Porém, alguns entendem que se trata de algo maior que isso. Dos 58 estudantes, 23 adolescentes pensam que o certo é conversar com os pais/responsáveis dos alunos envolvidos em situações de *bullying*; outros 23 adolescentes acham o correto seria agir de acordo com as normas estabelecidas pela escola, punindo os culpados que praticavam *bullying*; mas seis adolescentes acreditam que o melhor é dialogar diretamente com os estudantes que cometiam *bullying*.

Na roda de conversa, quando questionados sobre qual a melhor forma de lidar com o problema, uma resposta recorrente foi a de ignorar os ataques. Os estudantes afirmaram que o indivíduo deve resistir e “ser forte”, mantendo uma mentalidade de que aquilo não lhe atinge. Se por um lado, mostraram maturidade ao saber que precisam, em certos momentos da vida, superar as dificuldades que enfrentam, por outro, nem todos podem lidar com algo tão negativo e recorrente quanto o *bullying*, pois se trata de ataques, e isto pode ser perigoso. Mesmo que haja uma resistência inicial, a agressão persistente eventualmente deixa marcas. A violência existe, mesmo quando não é física, e possui o intuito de humilhar, ferir e diminuir. Uma ferida psicológica não deve ser menosprezada por ser invisível. Da mesma forma em que não se pode ignorar uma agressão física, é necessário que a vítima receba proteção da violência psicológica, conforme apontam Assis, Constantino e Avanci (2010).

Tratando-se de violência, as noções que os estudantes têm de *bullying*, apesar de variadas, tendem a ter um ponto em comum: a falta de respeito e a mágoa. Certos estudantes destacaram que o *bullying* pode ser às vezes idêntico a uma brincadeira inocente, porém se torna uma agressão a partir do momento que um dos envolvidos é ferido. Verificou-se, em certas respostas, a naturalização do ato pelos discentes pesquisados, que só percebem o mal que eles ocasionam, quando as consequências são visíveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer estudo, foi possível realizar um aprofundamento teórico quanto ao tema e, graças ao estudo de campo, verificar a ocorrência do *bullying* na escola bem como a compreensão e o posicionamento dos estudantes dos 9.^{os} anos quanto ao tema.

Uma vez concluída a pesquisa, torna-se possível constatar que o fenômeno do *bullying* está presente no dia a dia dos alunos, nas suas conversas, sendo uma ocorrência cotidiana. Nota-se que a maior parte dos estudantes abordados já vivenciou ou testemunhou atos de *bullying* com certa frequência. Por isso, é fundamental que os educadores e os pais/responsáveis tenham conhecimento sobre o tema, podendo assim agir na prevenção e mediação dos casos, sendo essa a melhor forma de se combater o *bullying*. Esta não é uma afirmação infundada, pois estes são as pessoas em contato direto com as crianças e jovens, responsáveis por guiar e incentivar o desenvolvimento destas/destes – não só academicamente, mas também como cidadãos/cidadãos.

Deve-se ter a clareza de que não somos capazes de erradicar o *bullying* nas instituições de ensino do país. Esse é um objetivo demasiado ambicioso. Porém, pode-se identificar a ocorrência e amenizá-la nas escolas que futuros professores, como eu, forem atuar; sendo necessário que mais pessoas tenham conhecimento sobre o tema, procurando intervir quando se depararem com alguma situação. Não se pode mudar o mundo, mas pode-se tornar melhor o mundo das crianças e jovens com que se convive.

Por último, ressalta-se que a pesquisa realizada apontou resultados similares às demais já feitas no Brasil; fator importante, pois mostra a veracidade dos dados coletados. Tais resultados mostram, assim, os padrões encontrados nas práticas realizadas ou observadas pelos estudantes, promovendo assim uma análise de comportamentos comuns.

Com base nos resultados alcançados, entende-se a necessidade de ampliar a pesquisa para outras instituições de ensino público e privado de Ituiutaba, tendo em vista que é importante verificar se os dados obtidos com os estudantes da escola pesquisada se confirmam em outras.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. **Impactos da violência nas escolas: Um diálogo com professores.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 dez. 2019.
- _____. Lei N° 13.010, de 26 de junho de 2014. Altera a Lei n° 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm. Acesso em: 9 dez. 2019.
- _____. Lei N° 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de combate à intimidação sistemática (Bullying). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 9 dez. 2019.
- BERGER, Kathleen Stassen. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, 2007, 27(1): 90-126.
- CECCHETTO, Fátima; RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira. Gênero, Sexualidade e ‘Raça’: Dimensões da violência no contexto escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ, 2010. 121-146.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus, 2005.
- MANGILI, Fabiana Bezerra et.al. A construção de um cidadão crítico por meio do Programa “Mais Educação”. **Pro-docência Revista Eletrônica das Licenciaturas/UUEL.** Londrina, v.1, n.1, Jan-Jun 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/FABIANA%20-%20MARCELA%20-%20EDILENE-%20CAROLINE%20-%20GEOGRAFIA.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2019.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. p.289-300. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês, LEVANDOWSKI, Gabriel. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática.** São Paulo, SP, maio-ago. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/16.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2019.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira. Para uma Escola sem Violência: estudo e prevenção das práticas

agressivas entre crianças. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Imprensa de Coimbra, 2008.

QEdU. Escola X. 2019. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/147406-ee-coronel-tonico-franco/sobre>. Acesso em 17 nov. 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RISTUM, Marilena. Violência na Escola, da Escola e contra a Escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ, 2010a. p.65-93.

RISTUM, Marilena. Bullying Escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ, 2010b. p.95-119.

SILVA, Marcos Vinícius Moura. **Violência LGBTFóbicas no Brasil: dados da violência**. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia>. Acesso em: 17 nov. 2019.

SOUZA, Fábio José de. **Bullying escolar: emergências e desafios à formação docente dos bolsistas do Subprojeto PIBID Geografia/UFC**. Conedu – Congresso Nacional de Educação, 6, **Anais...**, 2019. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID11974_03102019235344.pdf. Acesso em: 09 dez. 2019.

ANEXO – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA

Questionário

Identificação

1 Nome: (Coloque apenas as iniciais de seu nome): _____

2 Idade: _____

3 Gênero (Masculino, feminino, outros.) : _____

4 Ano/Sala: _____

Bullying na escola

1 – Defina, de acordo com a sua opinião, o que é Bullying e o que separa este ato de uma brincadeira normal.

2 – Você considera que já sofreu com atos de bullying na escola?

Não. Sim

Se sim, com que frequência?

Baixa Média Alta Muito Alta

3 – E quanto a Bullying com colegas, você já presenciou?

Não. Sim, com frequência baixa. Sim, com frequência média. Sim, com frequência alta. Sim, frequência muito alta.

Você considera que já praticou atos de Bullying alguma vez?

Não. Sim, com baixa frequência. Sim, com frequência média. Sim, com frequência alta. Sim, com frequência muito alta.

4 – Você acredita que o Bullying é mais frequente com determinados tipos de pessoas? Se sim, qual desses fatores você acredita que influencia mais o ato?

Não.

Sim. Especialmente Bullying relacionado à religião.

Sim. Especialmente Bullying relacionado à aparência do indivíduo (cor, raça, etnia, peso, etc).

Sim. Especialmente Bullying relacionado à orientação sexual (homossexual, bissexual etc.)

Sim. Especialmente Bullying relacionado ao gênero (feminino, masculino, outros).

5 – Leia as alternativas a seguir, e assinale aquela que você acredita ser a melhor maneira de lidar com Bullying (Selecione a alternativa que você considera ideal).

Conversar com os pais/responsáveis dos alunos envolvidos em situações de Bullying.

Agir de acordo com as normas estabelecidas na escola, punindo os culpados que praticaram Bullying.

Dialogar diretamente com os alunos que praticaram o Bullying.

outros, explique:
